

A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • SETEMBRO DE 1990



A LIAHONA

SETEMBRO DE 1990



DESTAQUES

3

MENSAGEM DA
PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA:
**EM BUSCA DE PAZ E
LIBERDADE**

PRESIDENTE
GORDON B. HINCKLEY

8

ADRANDA O CORAÇÃO

KATHLEEN KRAUSE
CARRINGTON

11

MISTOLAR: OÁSIS ESPIRITUAL

ELDER
TED E. BREWERTON

17

**O ENSINO CENTRALIZADO EM
CRISTO**

C. RICHARD CHIDESTER

20

COM ISTO VOCÊ PODE CONTAR

MAREN ECCLES
HARDY

29

**BIA DOS ANCESTRAIS NO
TEMPLO: TRÊS HISTÓRIAS
DE SUCESSO**

RICHARD TICE

34

**TERRAS DA BÍBLIA:
O VELHO TESTAMENTO**

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

33

MENSAGEM MORMON:
CONHEÇA UM VELHO AMIGO

44

POR FAVOR, ABENÇO A KATHY

TRINA HAZLEWOOD

46

A JOGADORA DE FUTEBOL

LISA A. JOHNSON

DEPARTAMENTOS

1

COMENTÁRIOS

25

MENSAGEM DAS
PROFESSORAS
VISITANTES:

**LEMBRAR-SE DELE POR MEIO
DA ORAÇÃO**

26

TENHO UMA
PERGUNTA:
**CHAMADOS PARA
NÃO-MEMDROS**

PAUL M. NORTON

NA CAPA:

SILHUETA DE UMA CARAVANA DE CAMELOS, SOB-
REPOSTA AOS ENTALHES ANTIGOS DE UM DOS
TEMPLOS DE KARNAK, NO EGITO. VIDE "TERRAS
DA BÍBLIA", PÁGINA 34. (FOTOGRAFIA DE WILLIAM
FLOYD HOLDMAN.)

SEÇÃO INFANTIL

2

EXPLORAÇÃO
MOLAS

LAWRENCE CUMMINS

5

DE UM AMIGO
PARA OUTRO
**ÉLDER ALEXANDER B.
MORRISON**

CORLISS CLAYTON

6

TEMPO DE
COMPARTILHAR
**PERTENÇO À IGREJA DE JESUS
CRISTO DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS**

LAUREL ROHLFING

9

É DE QUEM ACHA

JANICE W. ACKROYD

11

SÓ PARA DIVERTIR
**TANGRAM: QUEBRA-CABEÇAS
CHINÊS**

RUTH IMAN

12

ELE AINDA É MEU AVÔ

PATRICIA NIELSEN

14

HISTÓRIAS DO LIVRO
DE MORMON
**UM NOVO LAR NA TERRA
PROMETIDA**

16

**COMO POSSO GANHAR UM
TESTEMUNHO?**

JULIE WARDELL

MUITO IMPRESSIONADOS

Somos um casal de missionários servindo na Argentina. Ficamos muito impressionados com a tradução dos discursos da Conferência Geral na Liahona (em espanhol) de janeiro. Gostamos de todas as edições da Liahona. Queremos cumprimentá-los pelo grande trabalho que estão realizando.

Élder e Sister Craig Mayfield
Missão Argentina Buenos Aires Norte

REATIVADO

Ainda menino, fui batizado com minha família em 1971. Durante

anos fomos uma família muito ativa na Igreja. Então, pouco a pouco, paramos de freqüentar as reuniões. Minha família começou a ter muitos problemas que resultaram na separação de meus pais.

Após muito tempo voltei a freqüentar a Igreja. Um de meus amigos dos tempos de seminário havia me encontrado e encorajou-me a voltar à atividade na Igreja. Comecei a ler as escrituras e os livros da Igreja—especialmente a Liahona (em espanhol)—e cresceu em mim o desejo de cumprir uma missão.

Como parte da preparação para a missão, li todo o Livro de Mórmon. Este livro de escrituras especial tornou-se meu companheiro constante e foi de grande

ajuda para mim.

Estou cumprindo uma missão agora e amo a obra missionária. Meus pais estão juntos novamente e meu irmão e minha irmã mais novos planejam sair em missão. As provocações continuam vindo, mas com o evangelho podemos sobrepujá-las.

Baseado em minha própria experiência, encorajaria todos os rapazes da Igreja a se prepararem agora para uma missão. Uma das melhores maneiras de se preparar é ler o Livro de Mórmon e as revistas da Igreja. Não hesitem em aceitar o chamado missionário.

Élder E. Jorge Luis Leon
Missão Argentina Buenos Aires Sul

NOTA DO EDITOR

Somos imensamente gratos a nossos leais leitores e os convidamos a nos enviarem suas cartas, artigos e histórias. (Inclua nome completo, endereço, ala ou ramo, estaca ou distrito.) Apreciamos as cartas já recebidas e aguardamos mais cartas de nossos leitores.

Setembro de 1990, Vol. 43, n.º 9
PBMA9009PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:
Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, William R. Bradford, Francis M. Gibbons, Jeffrey R. Holland
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente: Ann Laemmlen
Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker
Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte:
Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Sydney N. McDonald, Reginald J. Christensen, Timothy Sheppard, Jane Ann Kemp
Controlador:
Diana W. Van Staveren
Gerente de Circulação:
Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Paulo Dias Machado
Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato
Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da **DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**, do D.P.F., sob n.º 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas
Caixa Postal 26023
São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr\$ 660,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5MSJ - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exte-

rior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr\$ 55,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonês, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. - Rua 21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não

obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.



Em Busca de Paz e Liberdade

PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY
PRIMEIRO CONSELHEIRO NA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Recordo-me de uma conversa que muito me perturbou há anos, com um rapaz, em um aeroporto da América do Sul, onde nós dois aguardávamos aviões atrasados.

Ele tinha barba e cabelos longos, e usava óculos grandes e redondos. Calçava sandálias e seu vestuário dava a impressão de total indiferença a qualquer padrão de moda geralmente aceito.

Ele, contudo, era sério e evidentemente sincero. Era educado, atencioso, e havia se formado em uma grande universidade norte-americana. Sem emprego e sustentado pelo pai, viajava pela América do Sul.

O que procurava na vida?, perguntei. “Paz e liberdade” foi sua resposta imediata. Usava drogas? Sim, elas eram um dos seus meios de obter a paz e a liberdade que procurava. A conversa sobre drogas levou-nos ao debate sobre padrões morais. Ele falou sobre a nova moralidade, que oferecia uma liberdade muito maior do que qualquer geração anterior jamais conhecera.

ESTE PODE SER UM
MUNDO DE LIBER-
DADE, NO QUAL A
HUMANIDADE PODE
CHEGAR A OBTER
UMA GLÓRIA NUNCA
SONHADA — UM
MUNDO DE PAZ.

Ficou sabendo, quando nos apresentamos, que eu era um líder religioso, e me fez saber, de modo algo condescendente, que a moralidade de minha geração era de fazer rir. Depois, num tom de seriedade, perguntou-me como eu podia honestamente defender a virtude pessoal e a castidade moral. Fiz com que ele se sentisse um pouco chocado, quando declarei que *sua* liberdade era uma ilusão, que *sua* paz era uma fraude e que lhe diria por quê.

Tenho pensado muito naquela conversa e em outras semelhantes que tive com o passar dos anos. Existem atualmente milhões de pessoas que, na tentativa de evitar restrição moral, embarcam em práticas que escravizam e corrompem. Tais práticas, irrestritas, destroem não apenas esses indivíduos, mas também as nações das quais eles fazem parte.

Recordo haver pensado nessa liberdade e nessa paz quando encarei um rapaz e uma jovem, sentados diante de minha escrivaninha, em meu escritório. Ele era simpático, alto e másculo. Ela era uma linda jovem, excelente aluna, sensível e perceptiva.

A jovem soluçava e lágrimas caíam dos olhos do rapaz. Eram ambos estudantes universitários. Deveriam casar-se na semana seguinte, mas não do modo que haviam sonhado. Havia planejado *tal acontecimento* para dali a três anos, após a formatura na universidade.

Encontravam-se agora numa situação que ambos lamentavam e para a qual não estavam preparados. Ela estava grávida. Havia caído por terra seus sonhos de estudo, de anos de preparação que sabiam necessitar para o mundo competitivo que estava à frente. Ao invés disso, teriam de estabelecer um lar, e ele teria de sustentar a família com qualquer trabalho que pudesse encontrar.

O rapaz fitou-me entre lágrimas. “Deixamos que nos desencaminhassem”, disse.

“Ludibriamos um ao outro”, replicou ela.

“Ludibriamos um ao outro, a nossos pais, que nos amam – e a nós mesmos. Fomos traídos. Acreditamos naqueles que nos disseram que a virtude é hipocrisia; e descobrimos que a nova moralidade, a idéia de que o pecado está só na mente de alguém é uma armadilha que nos destruiu.”

Falaram sobre mil pensamentos que haviam passado por sua mente nos dias terríveis e nas noites inquietantes das semanas anteriores. Será que ela deveria abortar? A tentação de fazê-lo esteve presente. Não, nunca, decidiu ela. A vida é sagrada, sejam quais forem as circunstâncias. Como poderia ela viver consigo mesma, se decidisse destruir o dom da vida, mesmo sob tais condições?

A criança poderia ser dada para adoção. Havia excelentes organizações que poderiam ajudar nesse sentido, bem como boas famílias, desejosas de adotar crianças. O casal, porém, rejeitara tal possibilidade. Não importaria o que acontecesse, ele nunca deixaria que ela encarasse o problema sozinha. Ele era responsável, e enfrentaria essa responsabilidade, mesmo que viesse a arruinar o futuro com que sonhara.

Admirei a coragem do rapaz, sua determinação em fazer o melhor possível numa situação difícil; mas meu coração se condeou por eles, ao vê-los tão aflitos e soluçantes. Aí estava a tragédia, aí estava a dor, aí estava a cilada, aí estava o cativo.

Ouviram falar de liberdade, que o mal estava apenas na mente. Descobriram, porém, que haviam perdido a liberdade. Nem haviam conhecido a paz. Eles haviam feito uma barganha com sua paz e liberdade – a liberdade de casar quando bem quisessem, de obter a educação que haviam sonhado e, o que é mais importante, haviam perdido a paz do respeito próprio.

O jovem que conheci no aeroporto talvez desafiasse contrariar minha história, dizendo que o casal não fora esperto. Se tivessem usado anticoncepcionais, não se teriam colocado nessa situação infeliz.

Eu teria replicado que a situação deles não é, de forma alguma única, e que está se tornando cada dia mais crítica.

Pode existir paz no coração de qualquer pessoa, pode existir liberdade na vida de alguém a quem só restou a angústia como fruto amargo da indulgência?

Pode alguma coisa ser mais falsa ou desonesta do que a satisfação da paixão, sem a aceitação da responsabilidade?

Lembro ter visto na Coréia as conseqüências trágicas da guerra, com milhares de órfãos nascidos de mães coreanas, tendo soldados como pais. Essas crianças abandonadas se tornaram criaturas sofridas, indesejadas, o resultado de uma triste e miserável onda de imoralidade.

O mesmo aconteceu no Vietnã, onde dezenas de milhares de crianças sem pais foram abandonadas. Paz e liberdade? Não pode existir nenhuma delas para aqueles que arbitrariamente, saciam seus desejos, nem para aqueles que se tornam as vítimas inocentes e trágicas da luxúria.

Existem certos tipos de homens que sentem prazer em vangloriar-se de suas conquistas imorais. Que vitória suja e vulgar! Nela não há conquista, somente decepção e fraude deploráveis. A única conquista que traz satisfação é a conquista do eu. Desde há muito já foi dito que aquele que governa a si mesmo é maior do que o que toma uma cidade. (Vide Provérbios 16:32.)

Autodisciplina nunca foi fácil. Não duvido que seja mais difícil ainda hoje. Vivemos num mundo saturado pelo sexo. Estou convencido de que muitos de nossos jovens, e muitos adultos mais velhos, mas não menos ingênuos, são vítimas dos elementos persuasivos que os cercam – a literatura pornográfica que se tornou um negócio multimilionário, filmes sedutores, programas de televisão que excitam e aprovam a promiscuidade, vestuários que convidam à intimidade, decisões governamentais que destroem os limites legais, pais que, inconscientemente, muitas vezes colocam os filhos que amam em situações das quais se arrependem mais tarde.

Um escritor sábio observou que “uma nova religião está surgindo no mundo, uma religião na qual o corpo é o objeto supremo de adoração, excluindo todos os outros aspectos da existência.

Trocamos a santidade por conveniência, . . . sabedoria por informação, alegria por prazer, tradição por moda” (Abraham Joshua Heschel, *The Insecurity of Freedom*, Nova York: Schocken Books, 1966, p. 200.)

A nudez total ou quase completa se tornou a característica principal da maior parte do entretenimento público. Ela faz mais do que entreter o público, pois alcança o reino ou domínio da perversão sádica.

Existirá qualquer dúvida razoável de que ao semearmos os ventos de um mundo saturado pelo sexo, estaremos colhendo as tempestades da decadência?

Precisamos ler mais história. Nações e civilizações desabrocharam e depois feneceram, envenenadas por sua própria enfermidade moral.

Assim como o botão desabrocha e cresce, o mesmo acontece com a flor. A juventude é o tempo de plantar para o futuro florescimento da vida familiar. Nação ou civilização alguma pode subsistir por muito tempo, sem o fortalecimento do lar e da vida de seu povo. Tal fortalecimento é oriundo da integridade daqueles que vivem nesses lares.

Família alguma pode ter paz, vida alguma pode ficar livre das tempestades da adversidade, a menos que essa família e esse lar tenham sido edificadas nos alicerces da moralidade, fidelidade e respeito mútuo. Não pode haver paz onde não há confiança; não pode haver liberdade onde não existe lealdade.

Esperar por paz, amor e alegria através da promiscuidade é esperar por algo que nunca há de chegar. Esperar por liberdade através da imoralidade é desejar algo que não pode existir. Disse o Salvador: “Todo aquele que comete pecado é servo do pecado” (João 8:34).

O profeta do Senhor, o Presidente Ezra Taft Benson,



FAMÍLIA ALGUMA PODE
TER PAZ, VIDA ALGUMA
PODE FICAR LIVRE DAS
TEMPESTADES DA ADVER-
SIDADE. A MENOS QUE
ESSA FAMÍLIA E ESSE
LAR TENHAM SIDO EDIFI-
CADOS NOS ALICERCES
DA MORALIDADE, FIDELI-
DADE E RESPEITO
MÚTUO.

falou claramente sobre tais assuntos:

“O Livro de Mórmon nos adverte das táticas do adversário nos últimos dias: ‘E a outros pacificará, e os adormecerá em segurança carnal, de modo que dirão: Tudo vai bem em Sião; sim, Sião prospera. Tudo vai bem. Assim o diabo engana suas almas e os conduz cuidadosamente ao inferno.’ (2 Néfi 28:21.)

Existem muitas passagens de ‘alerta’ no Livro de Mórmon, tal como: ‘Oh! Eu quisera que acordásseis; que acordásseis de um profundo sono, sim, desse sono do inferno . . . Despertai . . . (e) cingi a armadura da justiça. Sacudi as correntes com que estais amarrados, sai da obscuridade, levantai-vos do pó’ (2 Néfi 1:13,23).

O pecado que flagela esta geração é a imoralidade sexual. Esta, dizia o Profeta Joseph Smith, seria a pior de todas as fontes de tentações, lutas e dificuldades para os élderes de Israel. (Vide *Journal of Discourses*, 8:55.)

O Presidente Joseph F. Smith dizia que a impureza sexual seria um dos três perigos que ameaçaria a Igreja internamente, e de fato o é. (Vide *Doutrina do Evangelho*, pp. 283–284.) Ela infesta a nossa sociedade.” (“Limpar o Vaso Interior”, *A Liahona*, julho de 1986, p. 3.)

Existirá um argumento válido para a virtude em nosso mundo? Ela é o único caminho a ser trilhado para que nos sintamos livres do desapontamento e pesar. A paz de consciência dela advinda é a única paz pessoal que não é falsificada.

E, além de tudo, temos a promessa infalível de Deus para aquele que anda na virtude. Declarou Jesus de Nazaré, no sermão da montanha: “Bem-aventurados os limpos de coração; porque eles verão a Deus” (Mateus 5:8). É um convênio, feito por aquele que tem poder para cumpri-lo.

E novamente, a voz da revelação moderna faz uma promessa sem precedentes, que é o resultado de seguirmos um mandamento simples:

“Que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente.” E eis a promessa: “Então tua confiança se tornará forte na presença de Deus . . . O Espírito Santo será teu companheiro constante . . . e o teu domínio um domínio eterno e, sem medidas compulsórias que fluirá a ti para todo o sempre” (D&C 121:45–46).

Desconheço maior promessa de Deus que essa, feita àqueles que permitem que a virtude adorne seus pensamentos incessantemente.

Asseguro-vos que este pode ser um mundo de liberdade, no qual a humanidade pode chegar a obter uma glória nunca sonhada, um mundo de paz, a paz da consciência tranqüila, do amor puro, da fidelidade, da confiança inabalável e da lealdade.

Isto pode parecer um sonho inatingível para o mundo, mas para cada membro desta igreja pode ser uma realidade, e a humanidade será mais enriquecida e fortalecida, graças à vida individual virtuosa que levamos.

Que Deus abençoe cada um de nós para alcançarmos tal liberdade, conhecermos essa paz, e ganharmos semelhante bênção. Como servo do Senhor, prometo-vos que se semeardes virtude, colhereis alegria agora e nos anos vindouros. □

..... IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. De acordo com o Presidente Hinckley, muitas pessoas buscam erroneamente liberdade e paz, abandonando as restrições morais; mas seus pensamentos e ações só os escravizam no pesar.

2. A paz de consciência é a única paz pessoal que não é falsificada.

3. A virtude e o respeito mútuo são o único caminho a ser trilhado para que nos sintamos livres do desapontamento e pesar.

4. Neste artigo existem escrituras ou citações que a família possa ler em voz alta e discutir?

ABRANDA O CORAÇÃO

KATHLEEN KRAUSE CARRINGTON

Era um dia quente, desagradável, e o calor diminuía tanto minha força como minha paciência. Meu trabalho na caixa registradora de um supermercado estava para começar no turno da noite e, observando o ponteiro dos minutos do relógio que corria veloz, o ar agradável e fresco dentro do supermercado não fazia com que me sentisse melhor. *Mais dez minutos, pensei, e tenho de estar pronta para começar a trabalhar.*

Meus pensamentos foram interrompidos pelo gerente do supermercado chamando pelo alto-falante: "Kathleen, dirija-se ao balcão de serviço de atendimento ao cliente."

Ao me aproximar do balcão de atendimento, uma freguesa me perguntou onde estava a farinha. Apontei o local certo com um sorriso, mas minha mente ainda estava de mau humor. *Minha senhora, permita que eu tenha mais cinco minutos para mim mesma.* Comumente, eu gostava de ver e de falar com os fregueses. Eles tornam meu trabalho agradável — em dias que não me sinto tensa. Eu pressentia que essa noite seria longa.

No balcão de serviço de atendimento ao cliente, recebi o dinheiro para minha caixa registradora, conferi-o, e fui designada para a caixa rápida.

Mais essa agora! Eu detestava a caixa rápida. Ela se destinava a fregueses que compravam até oito itens, mas sempre havia alguém tentando passar com mais de oito itens ou demorando muito tempo para preencher o cheque. *"Que noite terrível vou ter!"*, pensei.

Estava tão absorta em meus pensamentos que mal conseguia sorrir. Eu atendia o público havia anos — sorrir, cumprimentar — mesmo quando não sentia vontade de fazê-lo. Nesse ramo, quase temos de ser atores.

À medida que o tempo passava e os fregueses iam e vinham, meu humor começou a melhorar. Achei que iria sobreviver àquela noite. Nesse momento, vi o sr. Smith, já idoso, caminhar vagorosamente na fila. "Olá, sr. Smith. Como vai?", consegui dizer de modo agradável. Até mesmo consegui sorrir para ele e quase ser sincera. Ele começou a me contar como estava, enquanto tirava desajeitadamente a carteira do bolso traseiro e eu lançava

o preço das mercadorias compradas na máquina registradora.

Vamos logo, pensei. Está demorando demais! Disse-lhe que esperava que sua mulher melhorasse logo. A fila atrás dele ficou mais longa. Com mãos trêmulas, ele pegou o talão de cheques. *Que ótimo, um cheque!* Pediu-me que o preenchesse para ele. "Com prazer", respondi, com o melhor tom de voz possível. Enquanto eu apressadamente preenchia o cheque, ele desajeitadamente remexia tudo em sua carteira, procurando um documento de identidade.

Não demonstre estar irritada, disse a mim mesma. Por fim, ele achou a carteira de identidade, e eu copiei tudo de que precisava no cheque. Agradei-lhe e despedi-me dele. Ele sorriu e me desejou um bom dia enquanto se afastava.

Bem, o que todas essas pessoas vão dizer por terem se atrasado por causa daquele homem idoso?, perguntei-me. O próximo da fila disse: "Olá."

"Olá", respondi, e, depois de ter certeza de que o sr. Smith já estava suficientemente longe, disse que sentia muito por todos terem tido de esperar.

Ele sorriu e disse: "Só espero que você esteja por perto para me ajudar quando eu chegar àquela idade."

Suas palavras mudaram completamente minha noite. Que lição ele me deu! Eu havia controlado minhas emoções e sorrido porque eu era paga, não porque tinha amor ou solidariedade no coração, mas esse homem tinha paciência com as falhas e fraquezas das outras pessoas porque queria ter. Sua reação também modificou a atitude daqueles que estavam atrás dele na fila. Os pés batendo em sinal de impaciência e nervosismo, haviam sido substituídos por sorrisos e paciência.

Quando estamos irritados, cansados, ou impacientes, abrandamos o coração pensar, por um minuto, em como gostaríamos de ser tratados, e então, tratar as outras pessoas dessa maneira. □

Kathleen Krause Carrington pertence à Ala Kaysville 10, Estaca Kaysville Utah Crestwood.





Mistolar: Oásis Espiritual

ELDER TED E. BREWERTON
DOS QUORUNS DOS SETENTA

Na região desértica do Paraguai existe uma pequena vila chamada Mistolar. Todos os seus habitantes são membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Apesar de distantes da sede da Igreja na cidade de Assunção, no Paraguai, essas pessoas humildes, de descendência indígena, seguem os programas e princípios do evangelho restaurado e são um exemplo de fidelidade para o mundo.

Mistolar teve início em 1977. Nessa época, o presidente da Missão Paraguai Merle Bair, viu Walter Flores, um homem dos desertos do chaco no Paraguai, em um programa de televisão em Assunção. O Presidente Bair achou que devia procurar o homem e compartilhar o evangelho com ele. Em 1980 os missionários localizaram Flores. Ele se mostrou muito receptivo à mensagem do evangelho e logo foi batizado. O testemunho do irmão Flores era tão grande e claro, que lhe deu a certeza de que tinha de compartilhá-lo com seus compatriotas indígenas. Centenas deles se filiaram à Igreja.

Um grupo de mais ou menos 214 santos Nivaclé (anteriormente Chulupi), desejaram ficar longe das influências do mundo e se estabeleceram num grande pedaço de terra, numa área remota e desabitada do Paraguai. Deram o nome de Mistolar ao seu povoado. No princí-

pio eram totalmente auto-suficientes, plantavam suas hortas, caçavam, pescavam, e mantinham pouca comunicação com outras pessoas.

O grande Rio Pilcomayo, porém, que fica entre Mistolar e a fronteira norte da Argentina, desafiou a fé e a auto-suficiência do povo.

Certo ano, a neve das montanhas dos Andes derreteu, e as águas do rio subiram, inundando Mistolar. Os santos foram forçados a se mudar, fixando nova residência a dez quilômetros de distância das margens do Pilcomayo. Mesmo lá, porém, não estavam a salvo. Outra inundação desastrosa, deixou a terra onde moravam coberta de água acima dos joelhos durante um mês. Perderam a linda capela que haviam construído, suas casas, hortas e roupas – quase tudo o que possuíam. Como eu, porém, viria a descobrir, eles ainda conservavam a fé.

No dia 15 de junho de 1987, como membro da presidência de área com sede em Buenos Aires, Argentina, tomei um avião para Assunção, onde me encontrei com John J. Whetten, presidente da Missão Paraguai Assunção. Com alguns outros irmãos, lotamos duas caminhonetas com uma máquina de costura movida a pedal, tecidos para confeccionar camisas e vestidos, arroz, feijão, sal e algumas outras coisas necessárias. Levamos também conosco um exemplar do



À ESQUERDA: IRMÃO ARENAS, PRESIDENTE DO RAMO MISTOLAR, COM SUA ESPOSA E DOIS FILHOS.

ACIMA: A VIAGEM DE DOIS DIAS A MISTOLAR SIGNIFICA TRANSITAR POR UMA ESTRADA PAVIMENTADA, DEPOIS POR ESTRADA DE TERRA, E FINALMENTE POR SUPERFÍCIES COM SULCOS MUITO PROFUNDOS, QUE EXIGEM JIPES COM TRAÇÃO NAS QUATRO RODAS.



livro *Princípios do Evangelho*, recentemente traduzido para o Nivaclé. (Os índios Nivaclé não falam as línguas predominantes no Paraguai, que são o espanhol e o guarani, mas seu próprio dialeto.)

De Assunção viajamos cerca de 480 quilômetros até a cidade de Filadélfia, em sete horas, de carro, quando a estrada está boa. No dia seguinte percorremos os 250 quilômetros até Mistolar, fazendo uma média de 15 a 25 quilômetros por hora numa estrada extremamente poeirenta e esburacada. Uma simples garoa teria convertido a terra em lama, impedindo-nos de chegar ao povoado. Demoramos quase nove horas para percorrer esta parte mais curta de nossa jornada.

Quando chegamos em Mistolar, fomos calorosamente recebidos por mulheres e crianças em sua maioria. Perguntei onde estavam alguns dos homens e responderam-me que estavam caçando. Quando indaguei o que estavam caçando, as irmãs disseram: "Qualquer coisa." (Alguns dos homens caminham os vinte quilômetros de ida e volta até o rio, para pescar.) O que restava da criação de animais do povoado compunha-se de três ovelhas, algumas galinhas, um par de cabras e um cachorro esquelético. Tendo salvo da inundação pouco alimento e o mínimo de roupas, esses santos tremiam, em uma temperatura de 20 graus centígrados, enfrentando o frio do inverno. À noite, suas casas, feitas de galhos e

junco, ofereciam pouca proteção para temperaturas quase congelantes, que iam de 0 a 5 graus centígrados. Os outros onze meses do ano são extremamente quentes; o calor frequentemente acima de 48 graus centígrados.

Apesar de todas as dificuldades que tiveram de suportar durante meses, os santos de Mistolar não apresentaram uma única queixa. Em rosto algum vi tristeza. Nenhuma só vez deixaram de sorrir.

Eles se ofereceram para matar uma das ovelhas para a refeição da tarde e, gentilmente, recusamos a oferta. Eles insistiram. Não comemos muito, pois sabíamos que usariam tudo o que sobrasse.

Perguntei ao jovem presidente do Ramo Mistolar: "Há alguém enfermo entre os membros?" (O povo desta terra morre cedo. Estatisticamente, apenas onze em cada cem dos Nivaclé falecem de velhice; o resto morre de doenças.) Ele olhou para mim, fez uma pausa e respondeu: "Acho que não; deixe-me perguntar aos outros irmãos." Poucos minutos mais tarde, depois de conversar com dois dos irmãos, disse: "Meus irmãos disseram: 'Claro que não temos doentes.'" Ele adicionou, apenas como explicação: "Temos trinta e nove portadores do Sacerdócio de Melquisedeque. Nós cuidamos de nosso povo e o abençoamos."

Perguntei: "Há aqui membros que não são tão ativos quanto o resto?" Ele respondeu: "Claro que não,



LEGENDA À ESQUERDA: VELHOS OU JOVENS, OS SANTOS DE MISTOLAR VIVEM DIARIAMENTE DE ACORDO COM OS PRINCÍPIOS DO EVANGELHO.

À ESQUERDA ABAIXO: OS SANTOS DE MISTOLAR CONSTRUÍRAM ESTA CAPELA PROVISÓRIA DEPOIS QUE O PRIMEIRO EDIFÍCIO DE TIJOLOS FEITOS DE ADOBE FOI LEVADO PELA INUNDAÇÃO. EM CIMA: OFERECENDO POUCO ABRIGO PARA AS NOITES CONGELANTES DE INVERNO, ESTAS CASAS IMPROVISADAS FORAM CONSTRUÍDAS DEPOIS QUE O RIO PILCOMAYO INUNDOU A COMUNIDADE.



LEGENDA ACIMA: A IRMÃ DOROTHY BREWERTON MOSTRA AS SACOLAS FEITAS DE CASCA DE ÁRVORE TINGIDA, CONFECIONADAS PELOS SANTOS DE MISTOLAR E VENDIDAS PARA PAGAREM SEUS DÍZIMOS.

ABAIXO: O FUTURO DE MISTOLAR ESTÁ NAS MÃOS DOS JOVENS, TODOS ATIVOS NA IGREJA E NO SEMINÁRIO.

À DIREITA: EMBORA FOSSE ESCASSO O ALIMENTO NUTRITIVO DISPONÍVEL DEPOIS DAS INUNDAÇÕES, OS SANTOS DE MISTOLAR FORAM ABENÇOADOS COM BOA SAÚDE.

Élder Brewerton. Nós aceitamos o Salvador através do batismo. Somos todos verdadeiros santos, totalmente ativos em nossa adoração ao Senhor.”

Para a reunião à noite, pedi ao presidente do ramo que chamasse alguns membros para orar. Uma irmã conversou com o Senhor de maneira muito pessoal, dizendo: “Pai, perdemos nossa linda capela, perdemos nossas roupas, já não temos casas, não temos alimento, não possuímos material para construir nada, temos que andar dez quilômetros para conseguir água para beber, tirada de um rio sujo, e nem sequer possuímos um balde, mas desejamos expressar nossa gratidão pela saúde que gozamos, por nossa felicidade, e por pertencermos à Igreja. Pai, queremos que saibas que sejam quais forem as condições, seremos leais, fortes e fiéis aos convênios que fizemos contigo quando fomos batizados.”

Nós, visitantes, sentimo-nos muito humildes com tal exemplo de fé. Durante a reunião dedicamos a terra deles ao Senhor. Visitamos os lotes ocupados pelas famílias e vimos onde iriam plantar suas hortas quando chegassem as chuvas.

Tempos mais tarde, depois de eu haver retornado a Buenos Aires, foi-me dito que as chuvas não chegaram como estavam sendo esperadas, mas os santos de Mistolar, sempre fiéis, haviam plantado suas hortas assim mesmo e, a umidade do solo devido às inundações, fez produzir uma co-

lheita. Mais tarde as chuvas chegaram e eles tiveram outra colheita abundante. Além disso, disseram que houve fartura de peixes durante o ano.

Em 1988, fiquei preocupado com o bem-estar dos santos de Mistolar, quando a neve caída nos Andes, mais do que o dobro da quantidade costumeira, começou a derreter. Isto significava que o Rio Pilcomayo provavelmente encheria novamente. Foi-me dito, porém, que os santos de lá declararam: “Não se preocupem, não teremos inundação este ano, porque nossa terra foi dedicada.” Por duas vezes as águas subiram no leito do rio, inundando a terra, mas retrocederam antes de alcançar Mistolar.

A fé destas boas pessoas demonstrou-se também no desejo de pagar o dízimo. Sem dinheiro, e com muito pouco de qualquer outra coisa, eles criaram uma fibra de casca de árvore, e da fibra fizeram bolsas a tiracolo e bolsas de mão. Tingiram as bolsas e as venderam a nós para obter dinheiro a fim de pagar o dízimo.

Fiquei admirado na ocasião, e ainda me assombro com o exemplo desses membros fiéis. Que luz para o mundo! Creio que uma fidelidade como a deles provém de um ardente testemunho do evangelho restaurado. Devido à fé e amor ao evangelho, tenho certeza de que o Pai Celestial continuará a abençoar os santos de Mistolar. □





O Ensino Centralizado em Cristo

C. RICHARD CHIDESTER

Anos atrás um amigo meu passou por uma entrevista com o Élder Joseph Fielding Smith antes de ser empregado para dar aula no programa de seminário e instituto da Igreja. Quando o Élder Smith lhe perguntou o que pretendia ensinar, ele mencionou diversos princípios importantes do evangelho. Élder Smith olhou-o com carinho, mas seriamente, e disse-lhe: “Ensine sobre Jesus Cristo e sua crucificação.”

O conselho do Élder Smith se aplica a todos nós. Tudo o que ensinamos ou fazemos, seja através de um chamado formal ou pelo exemplo, deve refletir que Cristo e sua expiação são o centro de nossa vida.

O Profeta Joseph Smith disse: “Os princípios fundamentais de nossa religião se constituem no testemunho dos apóstolos e profetas, de que Jesus Cristo morreu, foi sepultado, ressuscitou no terceiro dia e subiu aos céus; e todas as outras coisas que pertencem à nossa religião são meros complementos dessa verdade” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 118).

O Senhor Jesus Cristo é a luz e a vida do mundo, e fé nele é o princípio unificador do evangelho. Tudo o que ensinamos deve ser relacionado a ele, como a vara se relaciona à videira. “Estai em mim, e eu em vós”, disse o Salvador. “Como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na

O ENSINO CENTRALIZADO EM CRISTO REQUER QUE COLOQUEMOS O ENSINO DE JESUS ACIMA DE MERAMENTE DAR AULAS. DEVEMOS ENSNAR PELO ESPÍRITO.



videira, assim também vós, se não estiverdes em mim.

Eu sou a videira, vós as varas: quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (João 15:4-5).

Nesta metáfora, o Senhor é a única fonte de vida espiritual. Ele é o único manancial de vida e poder para seus discípulos. Assim como a videira nutre todas as varas, Cristo concede vida espiritual a todos os que colocam sua fé nele.

Cristo é o mediador entre nós e o Pai. Ele disse que é “o caminho e a verdade e a vida”, e que “ninguém vem ao Pai, senão por mim” (João 14:6).

Cristo é também o pai de nossa salvação, porque nos dá vida espiritual ou eterna por meio da Expição. A essência do evangelho é a expiação e ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Ele enfatizou isto quando apareceu aos nefitas: “Eis que vos dei o meu evangelho, e este é o evangelho que vos dei: que vim ao mundo para fazer a vontade do Pai, porque ele me enviou.

E o Pai me enviou para que eu fosse levantado sobre a cruz, e para que, depois que eu tivesse sido levantado sobre a cruz, pudesse atrair a mim todos os homens, a fim de que, assim como fui levantado pelos homens, assim também possam eles ser levantados pelo Pai, para comparecer perante mim, a fim de serem julgados por suas obras, sejam elas boas ou más” (3 Néfi 27:13-14).

Estes versículos nos fazem ver o motivo pelo qual Élder Smith manda pregar Jesus Cristo, e sua crucificação. Tudo no evangelho funciona graças à infinita expiação do Salvador. A Igreja é o canal pelo qual os princípios e ordenanças do evangelho são transmitidos.

Muitas vezes temos a responsabilidade, como professores, de relacionar nossas lições a Jesus Cristo. Por exemplo, ao ensinarmos o princípio da obediência, podemos explicar que obedecemos porque sabemos que o Salvador

nos ama e nos pede somente o que é bom para nós. Portanto, deveríamos obedecer porque o amamos e porque confiamos que tudo o que ele requer de nós é para nosso bem. Não obedecemos simplesmente porque o Mestre fez da obediência um mandamento, mas porque ela nos aproxima de Cristo, e nos ajuda a sermos mais semelhantes a ele.

Ao ensinarmos a lei do jejum, podemos ensinar que o jejum e a oração, como a obediência, têm por propósito aproximar-nos do Senhor. As dores da fome nos lembram que devemos ter fome e sede do Senhor e de sua retidão, da mesma forma que temos fome e sede de alimento e de água. O jejum é o desejo ardente de que o Espírito e a influência do Senhor estejam conosco. Quando participamos de seu Espírito por meio do jejum, da oração, de tomar o sacramento e prestar testemunho, nosso jejum se transforma de pesar em regozijo.

Ao ensinarmos, devemos salientar que ao sermos batizados, somos “enxertados” a Cristo – a videira verdadeira – para que possamos dar o fruto certo e receber vida eterna. Fazemos convênio de servir o Senhor até o fim e é o nome de Cristo que tomamos sobre nós mesmos no batismo. É a imagem dele que procuramos gravar em nossos semblantes, quando tentamos nascer de novo.

O trabalho de história da família pode ficar afastado do corpo de Cristo, se salientarmos apenas a importância de ficarmos com *nossas* famílias na vida futura, e não de que com ele faremos parte da família *dele* para sempre.

A Palavra de Sabedoria e a lei da castidade podem ser desprendidas da videira, se ensinadas somente em termos das vantagens que trazem ao nosso bem-estar físico. Se, porém, ensinarmos que nosso corpo é o templo do Senhor e a habitação de seu Espírito, os princípios da castidade e da Palavra de Sabedoria passam a ter um significado mais profundo.

the standard works
Bible
Book of Mormon
Doctrines and Covenants
Pearl and Allegiance



ILUSTRADO POR LARRY WINBERG

ou usar técnicas especiais. Requer estar em sintonia com o poder do Espírito. Na verdade, o Senhor nos disse que devemos ensinar pelo Espírito ou não ensinar. (Vide D&C 42:14.)

Aprendi que a melhor forma de obter o Espírito quando dou aulas é ensinar que Cristo é a fonte de toda a verdade e poder, o centro de todo princípio do evangelho. Significa fazer exatamente o que nosso convênio batismal diz: “servir de testemunhas de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar” (Mosiah 18:9).

Naturalmente, antes de podermos ensinar sobre o Senhor, temos de nos imbuir de seu Espírito. O Rei Benjamim descreveu como podemos visualizar nosso relacionamento com Cristo:

“Eu vos digo . . . (rendereis) todos os vossos agradecimentos e louvores, com todo o poder de vossas almas, àquele Deus que vos criou, guardou e conservou, fez com que vos regozijásseis e vos concedeu viver em paz uns com os outros” (Mosiah 2:20).

Quando nós, como professores do evangelho, estabelecermos Jesus como nosso ponto de referências, faremos espontaneamente o que, de acordo com Néfi, ele e seus companheiros de ensino fizeram:

“Falamos de Cristo, nos regozijamos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo e escrevemos de acordo com as nossas profecias, para que nossos filhos saibam em que fonte devem procurar o perdão de seus pecados” (2 Néfi 25:26). □

C. Richard Chidester, diretor associado do Instituto de Religião da Igreja, na Universidade de Utah, é membro da Ala Bountiful 16 Estaca Bountiful Utah Heights.

O dízimo pode ser desarraigado da videira, se o pagarmos por ser um mandamento ou a fim de obter bênçãos. O dízimo nos ensina que tudo o que temos e somos pertence ao Senhor – nossa vida, nosso tempo, nossos bens. Além de ajudarmos sua Igreja, é-nos pedido que exerçamos fé e demos de volta parte do que dele recebemos. Quando consideramos o dízimo uma expressão de fé, gratidão e amor a ele, seu significado espiritual se torna evidente.

O amor pode perder seu significado, se ensinado como algo que adquirimos quando agimos de determinada maneira, ou quando nos forçamos a agir de certa forma. Temos que salientar que a caridade é um dom do Espírito, que Cristo concede a seus verdadeiros seguidores. (Vide Morôni 7:48.) O amor puro só aparece quando nos humilhamos como criancinhas, sujeitamos nossa vontade à do Salvador, e buscamos a direção e os dons do Espírito através da obediência, do jejum e da oração. O Livro de Mórmon enfatiza repetidamente a importância de nos saciarmos do amor de Deus.

O ensino centralizado em Cristo requer que façamos do ensino de Jesus nossa prioridade e não apenas a administração de lições. Requer mais do que dar a ênfase certa

Com Isto Você Pode Contar

MAREN ECCLES HARDY

NOSSA FAMÍLIA ESTAVA EM FÉRIAS.

QUANDO MEU MARIDO MORREU

SUBITAMENTE DE UM ATAQUE

CARDÍACO, DEIXANDO-ME COM

CINCO FILHOS. "O QUE FAREMOS

AGORA?", PENSEI.

Um apóstolo do Senhor me fez uma promessa. "O Senhor Deus não te abandonará, nem ficará em dívida contigo, nos anos que virão. Ele sempre compensa. Com isto tu podes contar."

Foram estas as palavras de conforto do Élder Richard L. Evans, do Quorum dos Doze, ao falar nos serviços funerários de meu jovem marido. A "compensação" mencionada por ele estava além do meu entendimento, e o pensamento permaneceu em minha memória durante anos. Do presente, onde me encontrava, eu não conseguia ver nenhum futuro.

No entanto, o conhecimento de que não estamos sozinhos e de que um Pai Celestial amoroso ouve nossas orações, era-me mais tangível. Nossos cinco filhos, variando de quatro a dezesseis anos de idade, também compreendiam isto. O pai, cuja carreira estava ligada à radiodifusão, ensinara muitas vezes que suas vozes e pensamentos são audíveis ao Senhor, que eles podiam alcançá-lo através da oração, se vivessem em sintonia com a frequência certa. David, o mais novo de todos, orou nos joelhos de sua avó naquela primeira noite solitária: "Por favor abençoe meu pai, para que ele esteja bem quando eu chegar lá."

Nossa família estava de férias em Utah quando meu marido morreu, subitamente, de um ataque cardíaco. Ainda anestesiada pelo choque, enfrentei minha primeira decisão importante. Nossa casa ficava a três mil quilômetros de distância, em Washington, D.C. "O que faremos agora?", pensei. "Voltamos para Utah, onde poderemos ficar junto à família e com nossos velhos amigos, ou ficamos em Washington, onde estamos estabelecidos?" Meu avô, de noventa e dois anos de idade, sábio patriarca de uma grande família, ofereceu um bom conselho: "Volte para Washington por enquanto", disse ele. "Não é sábio fazer uma mudança súbita, a não ser depois de haver ponderado a situação por pelo menos um ano."

Não foi uma decisão difícil de ser tomada. Nossa casa, com seus



arredores familiares, era um porto seguro, com uma recordação em cada cômodo. Teria sido mais difícil recomeçar em algum outro lugar.

Além disso, a Igreja em Washington D.C. era forte e crescia rapidamente. Tanto os membros adultos como as crianças em idade escolar sentiam-se fortemente identificados com ela. A oportunidade de identificarmos como santos dos últimos dias fazia com que nos conscientizássemos da doutrina e das práticas e, a um sério compromisso com os convênios, ajudou-nos edificar um forte testemunho do evangelho.

Havia um sentimento missionário. Nossa vizinhança possui muitas belas igrejas de várias denominações cristãs.

Nos meses e anos que se seguiram à nossa volta para casa, colegas de escola que eram membros dessas igrejas convida-

ram nossos filhos para falar a seus grupos de jovens sobre o mormonismo, e o interesse e as perguntas dos jovens e de seus líderes religiosos incentivaram nossos filhos a ampliar seu conhecimento e testar sua fé. Como resultado ganhamos muitos amigos chegados e várias conversões.

Olhando para trás, vejo a sabedoria de permanecer entre amigos, numa vizinhança, escola, e Igreja que nos apoiavam. A grande perda que sofremos não desintegrou a estabilidade de nossa vida.

Tivemos pouco tempo para chorar naquele primeiro ano. As enormes responsabilidades de meu novo papel como provedora única eram assoberbantes. Ralph era o cabeça da casa, e eu confiava plenamente no seu julgamento e liderança. Tentar estabelecer minha autoridade foi de grande importância. Meus filhos achavam engraçado fazer cartões de aniversário e de Dia das Mães, retratando-me no uniforme de general. Eu soube, porém, que minha autoridade foi finalmente reconhecida quando ouvi um dos menores dizer para outro: "O que é que nossa mãe e nosso pai vão fazer quando se encontrarem novamente, agora que ela é o chefe?"

Havia contudo, uma presença especial em nosso lar. O pai estava ausente, mas não fora de alcance. Compreendi isto certo dia, quando Alison, minha filha adolescente, falou: "Mãe, sinto que consigo muitas vezes burlar a sua vigilância, mas nunca a de meu pai." Este foi um momento positivo, no qual me lembrei da promessa do Élder Evans.

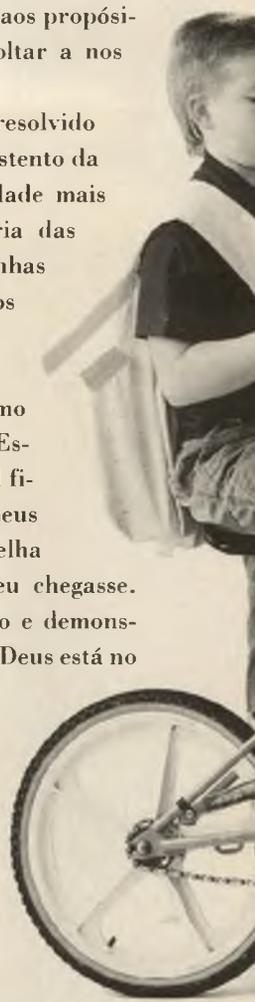
Nosso filho mais novo insiste em dizer que nunca se sentiu órfão. O pai, mesmo morto, continua a ser uma pessoa real para ele, que intuitivamente compreendeu a natureza eterna da unidade familiar, muito antes de aprender sobre os convênios e promessas que garantem a sua duração. Este sentimento também despertou em nossos filhos o desejo de provarem-se dignos, de modo a não desapontar o pai que vieram a idealizar. Quanto a mim, persisti na determinação de ser bem sucedida em minha mordomia. Eu não podia falhar para com meu companheiro eterno nem com o Pai Celestial. Nosso propósito nos uniu ainda mais como família, ao comparti-

lharmos nossas provações e nossos sucessos.

O casamento no templo era um assunto de interesse especial. Era uma âncora à qual podíamos agarrar-nos e um prêmio que todos haveríamos de ganhar. Nossa motivação principal era podermos servir aos propósitos do Senhor de forma a podermos voltar a nos reunir como família.

O segundo problema principal a ser resolvido logo depois da morte de Ralph foi o do sustento da família. Esta é, provavelmente, a realidade mais decisiva e amedrontadora que a maioria das mães recém-enviuadas enfrentam. Minhas opções eram usar nossos poucos recursos financeiros até que se esgotassem e depois decidir como sustentar a família, ou procurar um emprego num futuro próximo e guardar algum dinheiro como reserva. Escolhi a última. Felizmente me foi possível ficar fora durante o dia, porque todos meus filhos estavam na escola e uma filha mais velha se responsabilizava pela casa até que eu chegasse. Meus filhos aceitaram esta nova situação e demonstrando fé na mãe, passaram a sentir que "Deus está no céu e a mãe proverá".

Minhas qualificações eram limitadas, pois me casei antes de completar meu curso universitário, mas depois de um curso de revisão de inglês comercial e datilografia, eu estava pronta para começar de baixo. Tornei-me recepcionista. Foi um bom começo. Treinamentos posteriores me concederam novas oportunidades de emprego e novas responsabilidades. Tais experiências, juntamente com anos subseqüentes de trabalho em uma das agências bancárias do governo, ampliaram meus interesses, suplementaram minha educação, desenvolveram minhas habilidades, fortaleceram minha autoconfiança, contribuíram para a minha independência financeira, e



AS CRIANÇAS AJUDAVAM A COZINHAR E LIM-
PAR A CASA E ARRANJAVAM CARONAS PARA
IR ÀS AULAS DE MÚSICA E TREINOS EN-
QUANTO EU ESTAVA NO TRABALHO. LOGO
QUE PODIAM, ARRANJAVAM EMPREGOS DU-
RANTE AS FÉRIAS DE VERÃO.



concorreram para a minha fu-
tura segurança. Foi uma com-
pensação com a qual nunca
havia sonhado.

Logo no início,
quando aceitei o
emprego, cheguei
a uma decisão que é,
em grande parte, respon-
sável por qualquer sucesso
que eu possa ter tido na educa-
ção de meus filhos, sem o pai:
dedicar meu horário nobre para
as crianças. Horário nobre signi-
ficava todas as noites, com pou-
cas exceções. Como eu ficava
fora o dia todo, decidi que deve-
ria ficar em casa à noite. Esta foi
uma mudança completa de nos-
sos hábitos anteriores, quando a
posição de meu marido como exe-
cutivo de uma rede de televisão
nos envolvia a ambos, num horá-
rio comercial e social apertado,
dentro e fora da cidade. Muitas
vezes, quando eu parecia estar
prestando atenção na con-
versa, preocupava-me
com as tarefas escola-
res das crianças
ou com o jan-
tar. Quando via-
jávamos, era no
bem-estar das crianças que
eu pensava. Finalmente depois
da morte de Ralph concluí que
no ano seguinte tudo ia ser dife-
rente. Eu era mais necessária em
casa a noite, quando as crianças

"CONFIA NO SENHOR DE TODO O TEU CORA-
ÇÃO, E NÃO TE ESTRIBES NO TEU PRÓPRIO
ENTENDIMENTO. RECONHECE-O EM TODOS OS
TEUS CAMINHOS, E ELE ENDIREITARÁ AS
TUAS VEREDAS."
(PROVÉRBIOS 3:5-6.)

lá estavam.

Todas as decisões que afetavam nosso futuro não eram tomadas só por mim. Meus filhos participavam. Aprenderam a cozinhar, através de tentativas e do erro, e se tornaram peritos em limpar a casa. Com a mãe trabalhando durante o dia, aprenderam também a se locomover a pé, de bicicleta ou ônibus. "Não pergunte o que sua mãe pode fazer por você, mas o que você pode fazer por sua mãe" se tornou o slogan de nosso lar. Tão logo tinham idade suficiente, arranjavam trabalho nas férias. Chegamos até a descobrir o menorzinho vendendo, de porta em porta, na vizinhança, suas pedras cuidadosamente polidas. Eles logo aprenderam que a auto-suficiência era o modo de se viver.

Embora eu tivesse ficado viúva relativamente jovem, fui abençoada com bastante fé e esperança. Tentei passar este sentimento para meus filhos. A família toda tinha um forte sentimento de oportunidades e via a mão do Senhor em nossa vida.

Os amigos e familiares também contribuía com sugestões e idéias para o nosso bem-estar. Recebemos muitos conselhos valiosos e ajuda, no que diz respeito a empregos durante o verão, escolas, bolsas de estudo e outras coisas. Os amigos estavam presentes quando havia doenças, problemas e crises da adolescência. Incluía-nos em atividades familiares, acampamentos de pais e filhos e outros eventos. O bispo e os líderes do sacerdócio estavam sempre à disposição quando precisávamos de conselho. Nem sempre é fácil ser o recipiente contínuo de tanta gentileza, mas aprendemos com isso que as bênçãos do Senhor não caem sobre nossa cabeça. Elas nos chegam através do coração e das mãos do próximo.

A mulher que assume papel duplo no lar, seja viúva ou divorciada, tem um chamado especial, e será responsável perante o Senhor pelo que faz com sua mordomia. Embora o marido esteja ausente, ela ainda fica comissionada a realizar a tarefa dada a todos os pais: "E eles também

ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor" (D&C 68:28; também os versículos 25-27 e 29-32). Poderá haver ocasiões em que ela sinta que carrega uma porção desproporcionada de tal responsabilidade; no entanto, o Senhor lhe assegura que preparará o caminho para que possa realizar sua obra. (1 Néfi 3:7.)

As lições principais que os pais devem ensinar são as de valor espiritual. O Élder Boyd K. Packer, do Conselho dos Doze, sugeriu que quando os filhos se mostrarem interessados ou dispostos a aprender, devemos, na mesma hora, aproveitar a ocasião e ensiná-los. (Vide Boyd K. Packer, *Teach Ye Diligently*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1975, p. 110.) Quando eles têm fome espiritual, devemos alimentá-los. Sem o conhecer realmente, segui o preceito. Discutíamos conceitos do evangelho livremente, enquanto preparávamos a salada, quando caminhávamos para a escola, ou quando estávamos sentados à mesa. Falávamos tão facilmente sobre a Expição ou a Segunda Vinda, quanto sobre o que estava acontecendo no governo ou na sala de aula.

Com o passar dos anos, foi com freqüência que verifiquei a veracidade da escritura seguinte: "Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento.

Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas" (Provérbios 3:5-6).

Visualizamos a eternidade através da pequena janela da vida mortal: "Porque agora vemos por espelho em enigma" (I Coríntios 13:12). Chegará o dia no qual veremos nossa vida com clareza e com uma perspectiva eterna. Teremos então o conhecimento completo daquilo que agora compreendemos pela fé: Que o Senhor não nos abandona quando o buscamos, que ele nunca fica em dívida conosco, e que sempre nos compensa. Ao mostrar nossas fraquezas e nos oferecer a oportunidade de convertê-las em forças ele troca nosso entulho por ouro. □

LEMBRAR-SE DELE POR MEIO DA ORAÇÃO

OBJETIVO: ("PERGUNTAI) COM UM CORAÇÃO SINCERO E COM REAL INTENÇÃO, TENDO FÉ EM CRISTO" (MORÔNÍ 10:4).

Num dia chuvoso e frio de outubro, Mette Hansen, uma jovem mãe em Copenhaga, na Dinamarca, estava voltando de bicicleta, do trabalho para casa, quando um carro a atingiu. Seu marido se encontrava fora do país, a serviço, e ela teve de ficar, deitada numa cama de hospital durante cinco horas, sem poder entrar em contato com seus dois filhos pequenos, que haviam ficado na creche. Lá rogou ao Senhor que fizesse com que as crianças soubessem que a mãe estava bem, e que lhes desse paz e proteção.

Após sister Hansen haver recebido os devidos cuidados foi liberada, e ao chegar em casa às 22h15min, ficou sabendo que seus filhos, cansados, haviam voltado a pé para casa, ao verem que ela não ia buscá-los. Como não tinham uma chave para entrar no apartamento, ajoelharam-se no tapete da porta e oraram, ficando sentados quietinhos durante algum tempo.

"E então me aconteceu uma coisa muito boa", disse o filho. "Senti uma mão grande e quente sobre minha cabeça, e ouvi uma voz amiga dizendo: 'Sua mãe está bem . . . Vai demorar um pouco para ela chegar em casa, e vai ficar escuro, mas fiquem calmos.'"

No decorrer dos anos, desde então, a irmã Hansen e sua família aprenderam que o Pai Celestial está ao alcance de suas orações. ("Salva Minha Vida . . . Consola a Meus Filhos", A



FOTOGRAFIA CRISTO DIMOND

Liahona, fevereiro de 1988, pp. 12-14.)

Quando oramos ao Pai Celestial, nós o fazemos em nome de Jesus Cristo, e recebemos a resposta através do Espírito Santo. Conseqüentemente, os três membros da Trindade estão envolvidos em nossa vida através da oração.

Algumas orações são expressões de gratidão. Outras são simples pedidos, como as que fazemos quando pedimos a bênção para o alimento. Outras ainda são súplicas sinceras de ajuda. Em todos estes tipos de orações, Jesus mandou que orássemos "com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo" (Morôni 10:4).

EM BUSCA DE ORIENTAÇÃO DIVINA

Todos nós temos necessidade da

orientação e conforto do Pai Celestial. As obras-padrão estão cheias de histórias sobre o Senhor dando orientação aos que pedem. Quando nossa irmã da Bíblia, Rebeca, teve problemas com a gravidez, "foi-se a perguntar ao Senhor" e ficou sabendo que duas nações nasceriam dela. (Vide Gênesis 25:21-23.) A pergunta que Joseph Smith fez a Deus levou à restauração do evangelho. (Vide Joseph Smith 1.)

Como disse o Presidente Thomas S. Monson, sempre que uma oração for proferida, sejam quais forem as razões, "ela pode resolver mais problemas, aliviar mais sofrimento, impedir mais transgressões e trazer maior paz e alegria à alma humana do que qualquer outra coisa" (*Church News*, 25 de abril de 1987, p. 2).

Na verdade, é a paz do Salvador que todos nós procuramos, e ela está à nossa disposição por meio da oração.

SUGESTÕES PARA AS PROFESSORAS VISITANTES

1. Leia Alma 34:17-27 junto com a irmã que está visitando. Este conselho se aplica a nós hoje em dia? De que forma? "Descerrai vossas almas a Deus", disse Alma. Que tipo de preocupação faria com que fizéssemos isto?

2. O que podemos aprender com o exemplo mútuo, tornando nossas orações mais significativas?

(Vide material relacionado em Noite Familiar—Livro de Recursos, (PBHT5197PO), Lições 7 e 8.

Chamados para Não-Membros

UMA AMIGA NÃO-MEMBRO ESTÁ INTERESSADA EM COMPARTILHAR SEUS TALENTOS E HABILIDADES COM OS MEMBROS DE NOSSA ALA. ELA PODE TER UM CHAMADO NA IGREJA, OU OS CHAMADOS SÃO RESERVADOS “SÓ PARA OS MEMBROS”?

Perguntas de interesse geral, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.



Paul M. Norton, presidente da Estaca Madison Wisconsin.

Ao considerarmos esta pergunta, convém lembrar que nem o “interesse” nem os “talentos e habilidades” necessariamente qualificam alguém, membro ou não-membro, para um chamado. No entanto, a resposta é sim, um não-membro *pode* receber um chamado na Igreja. Aliás, chamar não-membros para servir em determinadas posições, principalmente em alas e ramos pequenos, pode ser mais comum do que se imagina.

Em minha experiência na Igreja, conheci não-

membros que servem em comitês de atividade e de escotismo, como líderes de classe da Escola Dominical ou das auxiliares, como bibliotecários ou consultores de história da família, e como organistas e regentes. Realmente, o chamado de não-membros para as duas últimas posições está especificamente aprovado no *Manual Geral de Instruções da Igreja*.

Se um não-membro pode exercer um chamado é uma pergunta que deverá ser respondida com *várias* outras perguntas. Por que alguém desejaria aceitar um cargo numa Igreja à qual não pertence? Quando tais chamados são apropriados? Por que são feitos? Certamente, um fator muito importante a ser levado em consideração pelos líderes da ala ou ramo, ao chamarem um não-membro para uma posição em particular, deveria ser a *motivação* da pessoa de- sejar servir na Igreja. Será

que ela realmente deseja prestar serviço abnegado, ou meramente aspira ao reconhecimento pessoal?

Num discurso de Conferência Geral, em outubro de 1976, o Élder Robert L. Simpson, do Primeiro Quorum dos Setenta, conta a história de um irmão recém-batizado, que desejava muito ser chamado para uma posição “importante” mas pelas razões erradas. Certa vez, ao se encontrar com o Presidente Hugh B. Brown, da Primeira Presidência, perguntou: “Presidente Brown, como é que alguém se torna bispo na Igreja?”

“Bem”, respondeu o Presidente Brown, “o processo é muito simples. Você só tem de ser convidado pelo Senhor.”

“Na obra do Senhor”, disse o Élder Simpson, “não buscamos posições, nem recusamos a oportunidade de servir quando somos chamados.” A mesma “norma” se aplica a *todos* os chamados na Igreja; recebemos um chamado do Senhor, por meio dos líderes de ala ou ramo.

Voltando à pergunta, quando é apropriado que um não-membro receba um cargo? Chamados na Igreja requerem substancial comprometimento e sacrifício



FOTOGRAFIA DE PHIL SHURLEFF

de tempo, viagens às vezes, e com freqüência gastos monetários. Quando é que um não-membro estaria disposto a assumir tais compromissos e a fazer tais sacrifícios?

Uma das respostas é: quando possui um testemunho da veracidade do evangelho. Se alguém possui um testemunho, por que não pode ser batizada e exercer o cargo como membro? Na resposta a *esta* pergunta encontramos o *outro* fator principal a ser considerado pelos líderes da ala ou ramo ao chamarem não-membros – as *circunstâncias* particulares do indivíduo.

Eu, por exemplo, conheço um jovem não-membro que assiste fielmente às reuniões e vai ao seminário, todas as manhãs bem cedo. Ele possui um testemunho do evangelho e deseja ser batizado, mas seus pais não o permitem. Um chamado para servir como líder do seminário ou de classe poderia tanto fazê-lo vibrar de alegria quanto abençoá-lo.

Conheço outro não-membro, uma irmã dedicada que freqüenta as reuniões da Igreja regularmente há anos. Ela também possui um testemunho, mas o marido não quer que se

filie à Igreja. Outro não-membro, não querendo ofender a mulher, adiou seu batismo, na esperança de que com o tempo ela também se batize. Muitos desses indivíduos têm sido chamados, por líderes inspirados do sacerdócio, para trabalhar na Igreja.

A nossa é uma igreja de envolvimento, e o desenvolvimento humano é o próprio alicerce do plano do evangelho. Neste contexto, sempre é bom lembrar que não importa *onde* servimos, mas *como* servimos. Um chamado não é uma “recompensa” ou um “favor”, mas é uma oportunidade de serviço dedicado.

O bispo tem direito à inspiração, ao trabalhar com aqueles que vivem dentro dos limites de sua ala, incluindo os não-membros.

De acordo com as instruções da Igreja, os não-membros não podem ser chamados para posições administrativas ou de ensino. Um bispo inspirado, porém, discernindo e compreendendo os motivos e circunstâncias de uma pessoa em particular, pode chamar não-membros para servir em determinadas posições, abençoando sua vida e ajudando a edificar o reino do Senhor. □



Dia dos Ancestrais no Templo

Três Histórias de Sucesso

RICHARD TICE

OS RESULTADOS SÃO SURPREENDENTES QUANDO DUAS ESTACAS E UMA ALA FAZEM COM QUE SEUS MEMBROS SINTAM A IMPORTÂNCIA DE REALIZAR MAIOR NÚMERO DE ORDENAÇAS POR SEUS ANCESTRAIS.

Nem todos têm a oportunidade de freqüentar o templo, mas todos podem ajudar na obra vicária por seus ancestrais. Da mesma forma que os membros citados neste artigo, também podemos pesquisar e preparar nossa história da família e submeter os nomes de nossos antepassados falecidos ao templo. Alguns membros da Igreja podem fazer ambas as coisas, as pesquisas e ir ao templo, para realizar as ordenanças por seus ancestrais. Eis aqui alguns exemplos de santos que foram motivados a "levar um ancestral ao templo".

Havia algo de diferente no grupo vindo de Las Vegas, Nevada, ao Templo de St. George (Utah). Todos estavam lá para fazer a obra vicária em favor de seus próprios ancestrais e familiares falecidos. Eles haviam participado de um programa no qual os membros da ala haviam submetido dez vezes mais nomes para a obra no templo do que no ano anterior.

A mesma diferença era real, também, com o grupo de aproximadamente 110 adolescentes da Estaca Augusta Maine, que estavam no Templo de Washington (D.C.). Eles estavam lá para receber o batismo por seus parentes mortos. Os próprios jovens tinham preparado os dados para a realização das ordenanças.

Essa diferença também distinguiu centenas de membros da Estaca Riverton Utah North que, em dois dias, realizou em média, mais de quinze ordenanças por família, a favor de seus antepassados, no Templo do Rio Jordão (Utah).

Estas três viagens foram o resultado de uma atividade promovida pelos líderes: dias dos ancestrais no templo.



Tinha por propósito não só ir ao templo, mas também fazer a obra vicária por um ancestral.

Larry Halsey, bispo da ala Las Vegas, imaginava como poderia ajudar os membros de sua ala a atenderem mais prontamente ao espírito de Elias. Subitamente compreendeu que embora as pessoas consigam realizar algo por si mesmas, o trabalho feito em grupo pode render muito mais. Assim, em dezembro de 1986, ele lançou um desafio aos membros da ala para que submissem o nome de um parente falecido ou ancestral para as ordenanças do templo em 1987. Depois pediu sugestões a seu comitê executivo e conselho de correlação do sacerdócio, sobre como ajudar os membros. Diz ele: "Eu queria fazer com que parassem de pensar que a pesquisa da história da família é difícil. Achei que bem poucos se intimidariam com a idéia de submeter apenas um nome, e sabia que o resultado total em âmbito de ala poderia ser estimulante."

O bispo designou ao líder de grupo dos sumos sacerdotes a coordenação desse trabalho. Os líderes da ala começaram a fazer breves apresentações para os quoruns do sacerdócio, Sociedade de Socorro e jovens. Em julho, o Bispo Halsey enfatizou o desafio através de uma circular aos membros da ala. Embora lentamente no início, os membros começaram a reagir.

Como o desafio incluía todos os membros da ala, seus líderes também deram ênfase à preparação dos irmãos



para poderem entrar no templo. Foi realizado um seminário de preparação para o templo. A Escola Dominical contribuiu dando início a uma classe de história da família. A Sociedade de Socorro chamou uma consultora de história da família, que fez apresentações semanais de dois a três minutos, para incentivar o trabalho.

Em abril de 1888, haviam sido liberados nomes suficientes para a viagem ao templo. Da primeira vez dezoito membros da ala participaram; geralmente só cinco ou seis faziam a excursão de duas horas ao Templo de St. George.

Quando os resultados da experiência se espalharam, aumentou o interesse no projeto. Foi iniciado um programa em âmbito de estaca. Enquanto isso, os membros da ala que não haviam participado da viagem em abril começaram a solicitar ajuda para aprontar seus registros. Mais tarde, o irmão Howard Weisman realizou mais de 182 ordenanças para sua própria família.

O irmão Weisman e sua mulher, Terri, foram chamados como consultores de história da família e começaram a visitar os membros da ala, sentando-se ao lado deles enquanto as famílias pesquisavam os registros familiares, orientando-os quanto ao que fazer. Terri Weisman diz: "Muitos têm informações reunidas e só precisam saber como submeter os formulários ou preencher as informações. Desempenhamos nossa tarefa como se fosse a obra missionária. Ensinamos cada família em particular – famílias menos ativas, ou compostas por membros e não-

membros, jovens solteiros, as viúvas e seus filhos, líderes de ala e estaca, lançando-lhes um desafio a fim de que orem a respeito do que estão fazendo."

O Bispo Halsey notou que "uma vez envolvidos, os membros da ala viram como o trabalho de história da família é simples e quão maravilhosas são as recompensas. O programa tornou-se auto-motivador."

Em fins de 1888, os membros da ala tinham submetido 1.018 nomes para as ordenanças no Templo de St. George. Como a irmã Weisman explica: "Quando as pessoas fazem a obra vicária por aqueles que lhes são caros, elas ganham uma visão da obra."

Para os adolescentes da Estaca Augusta Maine a atividade do templo também assumiu uma maior dimensão. Geralmente, no mês de abril, os jovens da estaca

MUITOS DOS SANTOS QUE REALIZARAM AS ORDENANÇAS NO DIA DE LEVAR UM ANCESTRAL AO TEMPLO SENTIRAM A PRESENÇA DE SEUS PARENTES FALECIDOS. MUITOS TESTIFICARAM QUE NUNCA ANTES HAVIAM SENTIDO UMA PAZ TÃO COMPLETA.

fazem uma excursão ao Templo de Washington, para realizar batismos pelos mortos. Desta vez, quando os líderes formularam os planos para a viagem de abril de 1988, eles incentivaram os jovens, com a ajuda de suas famílias, a obterem informações sobre um ou mais de seus ancestrais e prepararem eles mesmos os registros para a obra vicária.

A reação foi inspiradora. Embora muitos tenham submetido os registros tarde demais para o processamento normal, na hora da viagem haviam sido aprovados os nomes de 150 ancestrais. Virtualmente todos os adolescentes ativos da estaca, cerca de 110 jovens participaram. Sessenta e cinco deles esperavam ser batizados por seus ancestrais.

O grupo fez uma viagem de quatorze horas para alcançar seu destino, e passou o dia seguinte realizando batismos pelos mortos. Naquela noite, num serão domingueiro na sede da Estaca Washington D.C., muitos testificaram que finalmente sabiam o que era sentir a influência do Espírito, pois a haviam sentido no templo. A viagem foi especialmente significativa para aqueles que se batizaram por seus parentes já falecidos.

O desafio para levar um ancestral ao templo foi feito pela presidência do Templo do Rio Jordão à Estaca Riverton Utah North. A presidência da estaca decidiu usar dois dias para a realização de ordenanças – os jovens seriam batizados em lugar de seus ancestrais no dia 29 de dezembro de 1987, e os adultos fariam as iniciatórias, as investiduras e os selamentos no dia seguinte. Dessa forma, o templo não ficaria congestionado. A meta: Que todo possuidor de recomendação para o templo da estaca realizasse as ordenanças por seus parentes já falecidos, até o final do ano.

O Presidente Duane B. Williams disse que eles, na realidade, estavam razoavelmente preparados. “A razão principal porque fomos capazes de aceitar o desafio e

obter sucesso foi porque a estaca e as alas já estavam participando do programa de história da família da Igreja. Um casal estava servindo como especialista de história da família da estaca, e cada ala tinha um casal servindo como consultores de história da família da ala. Além disso, as alas tinham uma classe de história da família na Escola Dominical.”

Os líderes do grupo dos sumos sacerdotes e os consultores de história da família assistiam às reuniões do quorum do sacerdócio, da Sociedade de Socorro, dos Rapazes e das Moças, para debater o desafio e descrever o programa: como preencher os registros, quando submetê-los e como seria o horário dos dias dos ancestrais no templo da estaca. Os consultores também mantinham contato pessoal com os membros da ala, visitando-os em seus lares para ajudar na tarefa.

A estaca também realizou uma oficina de história da família num sábado. Seu propósito era o de ensinar, na prática, como descobrir informações e preencher os formulários.

Os resultados foram surpreendentes. Mais de 160 famílias foram ao templo nos dias 29 e 30 de dezembro. Os membros da estaca completaram mais de 2.500 ordenanças em dois dias, todas por seus familiares já falecidos. A efusão do Espírito foi imensurável. Muitos santos sentiram a presença de seus ancestrais durante as ordenanças. Uma mulher, relata ter-se sentido envolvida pelos braços de um de seus ancestrais; ela não teve palavras para descrever a alegria de tamanha efusão de amor. Muitos testificaram que nunca antes haviam sentido uma paz tão completa.

Graças à experiência, muitos outros membros da estaca começaram a se preparar para ir ao templo. Um bispo relata que num acerto de dízimo, um dia depois da excursão ao templo, dois casais que não pediam recomendação havia algum tempo, pagaram seu dízimo integralmente, para poderem recomeçar a ir ao templo. Disseram que



não queriam ser excluídos da obra vicária sobre a qual tanto haviam ouvido falar.

Esses membros de alas e estacas descobriram que “levar seus ancestrais ao templo” proporciona experiências inesquecíveis. Como Howard Weisman explica: “É como quando José reencontrou seus irmãos no Egito. Eles pensavam que estavam perdidos, mas José se deu a conhecer, dizendo-lhes: ‘Para conservação da vida, Deus me enviou diante da vossa face . . . Deus me enviou diante da vossa face, para conservar vossa sucessão na terra, e para guardar-vos em vida por um grande livramento’ (Gênesis 45:5-7). Depois eles se jogaram uns nos braços dos outros e choraram. Acho que todo aquele que descobre seus ancestrais e realiza as ordenanças de salvação no templo por eles, terá uma experiência semelhante quando se encontrar com esses antepassados além do véu.” □

Passos para o Planejamento do Dia dos Ancestrais no Templo

Se lhe é possível ir ao templo fazer a obra vicária por seus familiares falecidos, e sua ala ou estaca gostaria de planejar uma excursão, o Departamento de História da Família da Igreja oferece como sugestão as seguintes diretrizes:

1. Conceda pelos menos dois meses de prazo para que os membros façam pesquisas e registrem as informações sobre seus ancestrais. Isto ajudará a se evitar os erros que geralmente ocorrem quando os nomes são submetidos apressadamente. Peça a alguém, que não seja a pessoa que submete o nome, que faça um exame dos formulários submetidos. Não podemos fazer correções depois do nome haver entrado no sistema de processamento, nem podem elas ser feitas pelo pessoal que trabalha no templo.
2. Peça aos membros que submetam só os nomes das pessoas pelas quais poderão realizar as ordenanças no dia da ida ao templo. Os demais nomes deverão ser submetidos ao arquivo da família.
3. Submeta grupos de registros à medida que os completa, ao invés de deixar para apresentá-los em grande quantidade. Certifique-se de que em cada grupo de nomes esteja claramente marcado o nome da estaca e a data planejada para a excursão.
4. Inclua em cada formulário nome e endereço da pessoa que o submete. Sempre que possível, inclua o número do telefone, para ajudar a resolver quaisquer problemas ou perguntas que possam surgir.

Estas sugestões, se receberem a devida atenção, ajudarão a tornar as visitas de grandes grupos, ao templo, experiências espirituais e compensadoras, para todos os participantes. □

CONHEÇA UM VELHO AMIGO



FOTOGRAFIA DE WELDON ANDERSEN

Ele possuía um senso de humor maravilhoso e pedalava a mais moderna bicicleta. Era o seu tataravô. Procure conhecê-lo, a ele e a muitas outras pessoas especiais. Instrua-se sobre seus ancestrais. Eles podem ser seus amigos.



TERRAS DA BÍBLIA

Nos tempos do Velho Testamento, por mais de quatrocentos anos, os descendentes de Jacó definharam

no cativeiro no Egito, até o Senhor lhes enviar um libertador, o profeta Moisés. Fiel à promessa a Jacó (vide Gênesis 46:2-4; 50:24-25), o Senhor retirou a posteridade de Jacó do Egito e renovou com eles o seu convênio, no deserto do Sinai. Como, porém, os filhos de Israel murmurassem constantemente contra o Senhor e seus servos, o Senhor decla-



TODAS AS FOTOS SÃO DE RICHARD CLEAVE, EXCETO AS INDICADAS DE OUTRO MODO. USADAS COM PERMISSÃO.

rou que eles não veriam a terra prometida. Seus filhos é que haveriam de herdá-la (vide Números 14:1–39). Durante quarenta anos permaneceram no deserto, até que Josué conduziu a nova geração à Terra Santa.

Neste esboço fotográfico teremos uma rápida visão da terra que os israelitas conheceram.

1. Os antigos israelitas teriam reconhecido facilmente o processo de fazer tijolos com barro, seguido aqui quase da mesma maneira



FOTO DE M. M. KAWASAKI





3

4



5

como o foi durante seus dias de escravidão no Egito (Êxodo 1:14; 5:6-9). A palha é misturada com a lama do Rio Nilo e colocada em formas. As formas são esvaziadas no chão, onde o sol seca os tijolos moldados. É uma técnica simples que continua sendo usada hoje em dia, em muitas partes do mundo.

2. Estátua de Ramsés II, Luxor, Egito. Os templos e outras estruturas foram construídos pelos faraós (reis) do Egito, para comemorar seus feitos e honrar seus deuses. Acredita-se que um dos faraós mais importantes, Ramsés II, que reinou por mais de sessenta anos, tenha sido o rei que colocou os filhos de Israel em escravidão.

3. Acredita-se que Cades-barneia, um oásis na Península do Sinai, tenha sido o lugar base para o acampamento dos israelitas depois que saíram do Egito e cruzaram o Mar Vermelho. *Cades* significa “nascentes santas”, e *barneia* “deserto da peregrinação”. A área que fica em volta é desolada, mas o oásis é grande e fértil. De Cades, Moisés enviou doze homens para espionar a terra de





Canaã. Eles voltaram com más notícias, contando que eram muito fortes os seus habitantes (vide Números 13). Os israelitas se revoltaram contra Moisés e quiseram voltar ao Egito, mas permaneceram em Cades durante quarenta anos.

4. Comuns nas terras da Bíblia são o narciso e o jacinto azul.

5. Uma vista aérea das escavações na Jericó do Velho Testamento. Julga-se que uma torre de pedra, desenterrada no local, tenha 8.000 anos, o que a torna uma das mais antigas estruturas da terra. Foi em redor desta cidade que os homens de Josué marcharam, uma vez por dia durante seis dias consecutivos, e sete vezes no sétimo. E então, ao som da buzina “gritou o povo com grande grita” e “o muro caiu abaixo” (Josué 6:20).

6. Nos tempos bíblicos, a Planície de Sarom fazia parte do território dado à tribo de Manassés, mas os homens da tribo “não puderam expelir os habitantes . . . ; porquanto os cananeus queriam habitar na mesma terra”

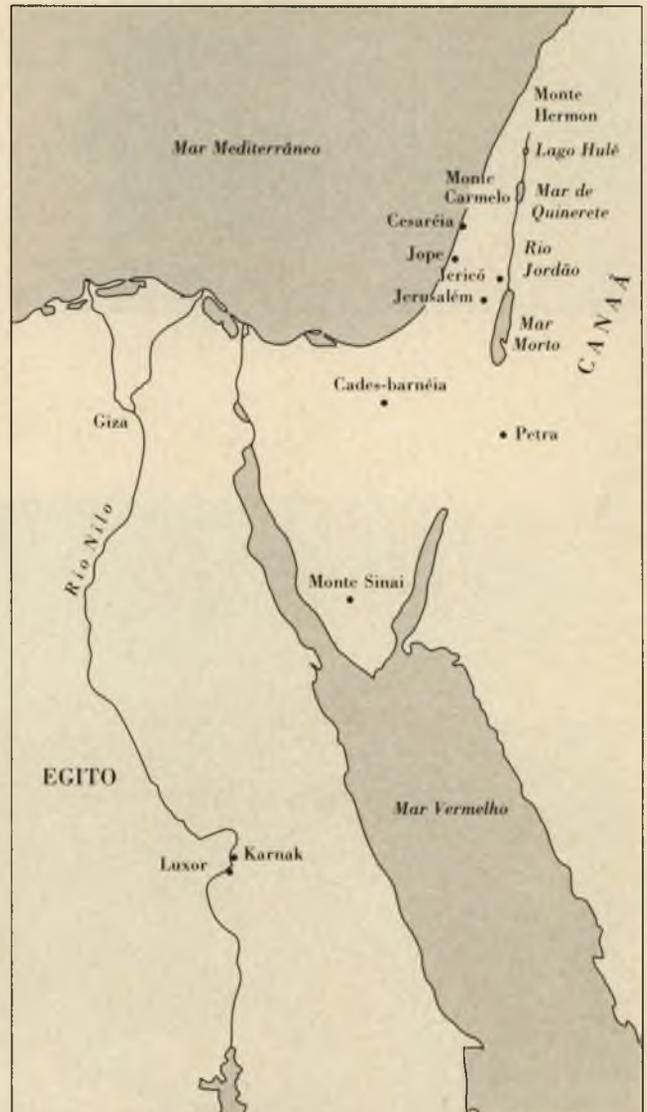




(Josué 17:11–12). Durante o reinado do Rei Salomão, a planície era chamada “Terra de Hefer” e seus habitantes tinham a obrigação de prover suprimentos para a corte real (I Reis 4:27). Esta vista da planície e de outro lado das ruínas da cidade portuária de Cesaréia, construída por Herodes, o Grande, em 22 a.C. Ao fundo está o Monte Carmelo, onde Elias desafiou os profetas de Baal. A planície, que nos tempos bíblicos era coberta de florestas, tornou-se umas das áreas agrícolas mais ricas da Israel atual.

7. A cidade portuária de Jope (Jafa), imediatamente ao sul da moderna cidade de Tel Aviv, na costa mediterrânea. Embora pouco usada hoje em dia, no tempo de Salomão era o porto principal que servia Jerusalém, ficando cerca de cinquenta e cinco quilômetros a sudeste. Foi através de Jope que Salomão importou os cedros do Líbano, usados na construção do templo (vide II Crônicas 2:16). Jonas embarcou de Jope para Tarsis na tentativa de escapar do Senhor (vide Jonas 1:1–3). Em 1841, o Élder Orson Hyde, do Quorum dos Doze, desembarcou em Jope ao chegar a Jerusalém para dedicar a terra para a “volta dos judeus”.

8. O Mar de Quinerete, conhecido nos tempos do Novo Testamento como Mar da Galiléia (ou Lago de Genesaré) continua a prover um meio de vida para os pescadores, como tem feito há séculos. O Velho Testamento conta que a tribo de Gad se estabeleceu nas suas praias (vide Deu-



teronômio 3:17).

9. Joeirar o trigo, deixando que o vento sopre o joio, é um processo que continua a ser praticado hoje, como o foi nos tempos bíblicos. O processo de separar o joio do



trigo é freqüentemente usado pelo Senhor, comparando-o com a separação dos injustos de entre os justos (vide Salmos 1:4).

10. Uma cena vista ainda hoje – o boi nos tempos bíblicos era usado como animal de tração, para puxar o arado e era também usado para malhar o trigo, esmagando os feixes colhidos debaixo das patas.

11. Uma fonte importante de água, o Rio Jordão, é formado por nascentes do Monte Hermon, ao norte do que é hoje Israel, e corre para o sul através do Lago Hulé (as Águas de Merom), e desembocam no Mar Morto. A palavra hebraica *jordão* significa o que “desce” e em sua jornada de 160 quilômetros, o rio desce de sua nascente a 200 metros abaixo do nível do mar, até atingir quase o dobro dessa profundidade. Para os israelitas, o Rio Jordão foi a última barreira para a terra prometida, quando chegaram ao fim da peregrinação no deserto. Doze sacer-

11



dotes, representando as doze tribos de Israel, carregaram a arca do convênio até a beira do rio. O mesmo que o Senhor fez com o Mar Vermelho, muitos anos antes, fez com o Jordão, e “os sacerdotes, que levavam a arca do concerto do Senhor, pararam firmes em seco no meio do Jordão: e todo o Israel passou em seco . . .” (Josué 3:17). O Senhor então ordenou a Josué que comemorasse o evento levantando um memorial onde os sacerdotes tinham estado segurando a arca do convênio. Completada a tarefa, o Senhor fez com que as águas do Jordão corresse novamente. Os filhos de Israel estavam, finalmente, na terra prometida (vide Josué 4:1-11).

12. Milhares e milhares de ovelhas eram criadas nos tempos do Velho Testamento, e até hoje podemos ver muitos rebanhos florescendo por toda a terra. Como antigamente, os pastores de hoje vão adiante das ovelhas, que os seguem aparentemente fiéis a seus senhores, cuja

12



voz reconhecem instantaneamente. O Rei Davi, junto com os outros profetas da antigüidade, sabia que “o Senhor é (nosso) pastor”, “porque ele é o nosso Deus, e nós povo do seu pasto” (vide Salmos 23:1; 95:7). □



Por Favor, Abençoa Kathy

ADIANTA, REALMENTE,
ORAR POR AQUELES QUE O
OFENDEM?

Jesus nos diz, no Sermão da Montanha, que devemos orar por nossos inimigos. Nossos líderes, hoje, nos aconselham freqüentemente a fazer o mesmo, quando nutrimos maus sentimentos por alguém. Quando menina, eu costumava pensar que isto era apenas algo sobre o que as pessoas conversavam, mas que realmente nunca faziam. Houve um período em minha vida, porém, em que a única coisa que pude fazer foi orar por aqueles de quem não gostava. Aprendi a sabedoria deste conselho com uma experiência relacionada à oração e ao perdão, que mudou minha vida.

Tudo começou quando entrei para o programa das Moças de nossa pequena ala. Envolvida em muitas atividades, sempre tentei fazer o melhor que podia em todas as áreas. Sentia-me contente por pertencer à organização das Moças, e comecei tentando desenvolver um relacionamento agradável com as quatro jovens com quem estaria constantemente. Minha alegria durou pouco, pois essas jovens se tornaram uma das maiores provocações de minha vida.

Enciumadas de minhas realizações, elas começaram a fazer tudo o que podiam para arruinar meu amor-próprio. No começo contentavam-se em dizer coisas rudes a meu respeito para outras pessoas. Depois se reuniam durante a Escola Dominical, e se divertiam às minhas custas. Certo dia, na aula das Moças, sentei-me ao lado de uma delas, e ela se levantou e foi sentar-se do outro lado da sala. Sempre que eu sugería alguma atividade ou era a encarregada, elas não compareciam ou deixavam de cumprir suas responsa-

bilidades.

Tentava, com persistência, manter meus padrões e às vezes o meu esforço era reconhecido. Isto não melhorou em nada o meu relacionamento com elas.

Uma pessoa pode agüentar este tipo de tratamento durante alguns meses, ou mesmo um par de anos, mas ele continuou por quatro anos, numa idade em que é muito importante sentir-se aceita pelos outros. Sentia-me fracassada, porque não tinha amigas. Foi uma época terrivelmente solitária.

Quanto tinha dezesseis anos de idade, nossa família mudou-se para uma nova vizinhança. Pensei que todos os meus problemas estariam resolvidos, mas estavam apenas começando. Nesse novo ambiente senti-me socialmente rejeitada. Com pouca confiança em mim mesma, achei que ninguém jamais viria a gostar de mim. Tive ódio das moças de minha cidade natal, por terem feito com que eu me sentisse assim. Como poderia “começar de novo”, com o meu passado me atormentando?

Sentindo-me terrivelmente só, rejeitada e amargurada, perguntei a mim mesma o que deveria fazer. Foi então que me veio à mente o antigo mandamento: “Ora por teus inimigos.”

Orar pelas jovens que haviam destruído minha auto-estima, minha vida social e esperança? Não, eu não poderia fazê-lo, pensei.

Senti, porém, que o Espírito me incentivava a orar.

Eu sabia que tinha de perdoar, se quisesse progredir e recuperar a confiança em mim mesma. Ajoelhei-me e proferi minha oração costumeira, depois parei. Não podia orar por elas, não podia mesmo. Fiquei ajoelhada durante meia hora, chorando. Ro-



gando ao Senhor que me desse forças, acabei exclamando: “Pai querido, por favor, abençoe Kathy, Ann, Sherri e Julie.” Isto foi tudo. Não me senti diferente, e esta foi a oração mais difícil que meus lábios já proferiram. Na noite seguinte fiz a mesma coisa.

Depois de orar por elas todas as noites durante alguns meses, algo extraordinário começou a acontecer. As palavras me vinham com maior facilidade e comecei a me sentir melhor em relação a mim mesma. Logo comecei a pedir coisas específicas para cada uma das jovens. “Abençoe Ann, para que se saia bem em suas lições de dança. Abençoe Julie para que se dê bem com seus pais. Abençoe Kathy para que tenha coragem para defender o que é certo, e abençoe Sherri com força para atingir seus objetivos.”

Depois de um ano fazendo isto, aconteceu o que pensei ser impossível. Eu as amava, o rancor havia acabado, e as más lembranças se apagaram. Hoje somos boas amigas.

Faz três anos que mudamos, mas continuo a lembrar delas em minhas orações. Na noite em que decidi orar por elas e perdoá-las, tomei, provavelmente, a decisão mais importante de minha vida. Eu podia ter passado a vida toda cheia de rancor e mágoa. No final, só teria destruído a mim mesma.

Por meio daquelas orações fui capaz de melhorar meu amor-próprio. Aprendi sobre a fé, o poder da oração e a veracidade das escrituras. Tenho sido abençoada com muitas amigas que me amam. Não carrego comigo uma consciência pesada, nem culpada. Tornou-se um hábito para mim ajoelhar-me e orar por aqueles que me ofendem, pois aprendi a doçura do perdão. □

A hand in a dark blue sweater reaches up towards a soccer ball. The ball is white with black and grey panels and has the name 'Jody' written on it. The background is a plain, light-colored wall.

A JOGADORA DE FUTEBOL

O

LISA A. JOHNSON

ra, vamos lá, Jodi! É só um jogo de futebol! Deus não vai odiar você por jogar só desta vez no domingo.”

“É isso mesmo”, pensou Jodi Allen, uma jovem de dezessete anos de Sandy, Utah, e a melhor goleira (guarda-redes) da sua equipe de futebol. “É apenas um jogo.” Participar dele, porém, seria quebrar uma promessa pessoal que ela havia feito ao Pai Celestial anos antes.

Como poderia explicar isso às colegas da equipe que a pressionavam para jogar? A equipe toda se esforçara bastante durante toda a temporada, ganhando o campeonato do Estado de Utah e viajando para o torneio regional em São Francisco, na Califórnia, para competir com outras equipes vencedoras do oeste dos Estados Unidos. Elas foram bem sucedidas em dois jogos do torneio e agora tinham a oportunidade de enfrentar uma equipe que as vencera no ano anterior. A equipe de Jodi desejava a desforra sem contar que uma vitória as colocaria nas finais regionais.

A partida havia sido programada para o domingo.

“Puxa, Jodi! Quem você pensa que é? Algumas de nós também somos membros da Igreja e vamos jogar no do-

mingo. Pensa que é melhor que nós?”

Não era isso, de forma alguma. O que acontecia era que, quando Jodi entrou na escola secundária e começou a jogar futebol na escola, ela prometera ao Senhor que nunca jogaria aos domingos e pediu-lhe que a ajudasse a dar o melhor de si. E ele a havia ajudado, mais do que ela esperara. Por manter sua promessa, ela foi abençoada com muitas experiências missionárias.

“Num torneio conheci um jogador de futebol de outro estado que desejava saber por que eu não jogava aos domingos”, explica Jodi. “A pergunta abriu caminho para que eu lhe falasse da Igreja. Enviei-lhe um Livro de Mórmon. Fiquei amedrontada, pois não sabia como ele reagiria, mas ele leu o livro e desejou saber mais. Enviei-lhe alguns folhetos e depois de algum tempo ele foi batizado.

Depois, houve aquela vez em que viajamos de ônibus para participar de um jogo. (As equipes das jovens e dos rapazes viajam juntas.) Eu estava lendo o Livro de Mórmon. Possuo as obras-padrão em um só volume de modo que o livro era bem visível. Um dos rapazes que estava morando em Utah disse que nunca vira um Livro de Mórmon e gostaria que eu lhe mostrasse. Ele começou a folhear o livro e a me fazer perguntas. Em pouco tempo o grupo todo que estava sentado na parte de trás do

ELA PROMETERA AO SENHOR
QUE NÃO JOGARIA FUTEBOL
AOS DOMINGOS. AGORA ELA SE
DEPARAVA COM UM JOGO DE
CAMPEONATO — E UMA IMPOR-
TANTE DECISÃO.



ônibus estava envolvido numa discussão sobre o Livro de Mórmon. Era como se uma cortina nos separasse da turma da parte da frente, que contava piadas impróprias.”

Jodi sempre traz um exemplar extra do Livro de Mórmon na bolsa, junto com seu uniforme de futebol, e já distribuiu muitos deles.

Embora aprecie os elogios que lhe fazem como



jogadora, aprecia ainda mais os comentários sobre “viver sua religião”.

Portanto, ela nunca mudaria de idéia quanto a jogar aos domingos, nem mesmo neste importante torneio. Fazer, porém, com que suas colegas compreendessem era outra história.

“Vejam”, tentou explicar, “se eu não jogar no domingo, vou desapontar minha equipe, isso fará com que me sintam mal. Se jogar, desapontarei muitas outras pessoas. Desapontarei a mim mesma, pois terei quebrado minha promessa. Desapontarei meus pais, que sabem como essa promessa é importante para mim. Desapontarei meus primos, que não jogam aos domingos por causa do exemplo que lhes dou, e desapontarei meus professores de seminário, que me ensinaram a fazer o que é certo. Mais importante, porém, é que desapontarei a Deus. Simplesmente não posso fazer isso.”

Foi uma excelente explicação, mas não adiantou muito. Durante toda a noite de sábado, a equipe continuou tentando convencê-la a jogar. Caçoaram dela. Elas a ofenderam de todas as maneiras possíveis. Finalmente, lá pela meia-noite, Jodi telefonou para casa, chorando. Não que se julgasse tentada a mudar de idéia, mas sentia-se muito só.

Seus pais a escutaram e a compreenderam. A mãe e o pai oraram com ela. Depois de desligarem, ligaram para uma velha amiga que morava em São Francisco e pediram-lhe que desse apoio à Jodi.

Na manhã seguinte Jodi se levantou e se arrumou, usando um vestido que usou enquanto permaneceu nas laterais do campo assistindo ao jogo da sua equipe. O

resultado final foi um a um. Depois do jogo, muitas de suas colegas se desculparam por terem-na criticado tão duramente.

A equipe ficou em terceiro lugar no torneio, um resultado muito superior ao que já haviam alcançado. Jodi achou que este seria um ponto de destaque para terminar sua carreira no futebol.

“Consegui, praticamente tudo o que queria com o futebol”, disse Jodi. Ela foi considerada a melhor goleira do estado e várias universidades convidaram-na para jogar, mas quando ouviam falar de sua norma de não jogar aos domingos, perdiam o interesse. “Agora gostaria de estudar outras coisas – como música e teatro. Além disso, pertencer ao conselho do seminário vai exigir muito de meu tempo”, diz ela.

Então, o último ano de Jodi na escola secundária será muito atarefado, a despeito de não mais jogar futebol, o esporte ao qual se dedicou tanto e por tanto tempo. Ela diz que não vai sentir muita falta e que as coisas que aprendeu jogando vão ajudá-la em outras fases da vida.

“‘Tudo tem o seu tempo determinado’, e o tempo do futebol terminou,” disse Jodi. “Não me arrependo. Graças ao futebol, muitas portas foram abertas para a obra missionária. O Senhor me abençoou, a mim e a outros, por meu intermédio. Não fiquei sem recompensa. Fui humilhada, pressionada e muito mais, mas aprendi que posso suportar tudo isso. O Senhor sabe que pode contar comigo, e eu também sei que posso.”

Jodi está muito feliz por não ter deixado que um único jogo de futebol estragasse tudo isso. □



O MONTE SINAI E A PLANÍCIE DO BEZERRO DE OURO.

A TRADIÇÃO DIZ QUE FOI NESTA REGIÃO DESOLADA QUE OS ISRAELITAS ACAMPARAM ENQUANTO MOISÉS COMUNGAVA COM O SENHOR NA MONTANHA NA SUA AUSÊNCIA, O POVO SE VOLTOU À IDOLATRIA E PEDIU A AARÃO QUE LHESES FIZESSE UM BEZERRO DE OURO PARA ADORAR (FOTOGRAFIA DE RICHARD CLEAVE. USADA COM PERMISSÃO.)



FOTOGRAFIA DE WILLIAM FLOYD HOLDMAN



FOTOGRAFIA DE RICHARD CLEAVE

A antiga Petra, localizada no Jordão, cerca de oitenta quilômetros ao sul do Mar Morto, pode traçar sua história até os tempos do Velho Testamento. Com o passar dos anos, casas e edifícios foram esculpidos nos íngremes rochedos avermelhados, inclusive o belo Tesouro, com suas colunas de estilo coríntio de quinze metros de altura. As três pirâmides de Giza, no Egito, foram construídas cerca de 2.700 anos antes do nascimento do Salvador. A maior, Queóps, é considerada uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo. Vide “Terras da Bíblia”, p. 34.

